



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## NO CARIRI CEARENSE AS MULHERES TAMBÉM JOGAM FUTEBOL.

Thayslani Thalys de Sousa

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri

### Introdução

Neste trabalho, tratarei de apresentar os resultados obtidos através da pesquisa, realizada na região do Cariri sobre a participação de mulheres no futebol. Essa pesquisa se deu através do Financiamento do PIBIC/URCA entre o período de maio de 2014 a abril de 2015. O Projeto está situado no campo de estudo sobre gênero, sexualidade e família. Diante do que estava no projeto como proposta, a pesquisa se deu em duas partes, ambas na região Cariri, especificamente nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. A primeira se deu a partir de entrevistas exploratórias com gestores públicos, juntamente com as secretarias municipais de “Esporte e Juventude” das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O objetivo nesse momento era explorar como as políticas públicas estão sendo trabalhadas para esse público específico, em relação à participação feminina nos esportes, especificamente o futebol<sup>1</sup>. Dessa forma, a segunda parte se consolidou na entrada do campo de pesquisa. Através de observação participante. Nesta estratégia metodológica, “o pesquisador adentra em um determinado ambiente social que em geral não é previamente conhecido de forma íntima e começa a conhecer as pessoas envolvidas neste. O pesquisador participa das rotinas diárias neste ambiente, desenvolve relações contínuas com as pessoas que neste se encontram, e observa nesse meio tempo o que está acontecendo” (EMERSON, FRETZ & SHAW, 1995). Nesta etapa de pesquisa, foram posteriormente realizadas entrevistas em profundidade, com base na técnica história de vida, com estas mulheres.

---

<sup>1</sup> Essa estratégia também foi utilizada para constatar associações desportivas locais com o objetivo de usar como canais de mediação e contato com as jogadoras de futebol feminino.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A partir desse plano interessa-nos pensar o modo como as convenções de feminilidade, masculinidade e estereótipos marcados pelo gênero estão associadas e como isso vem impactar a vida e as relações familiares destas mulheres jogadoras de futebol. Diante disso, o objetivo da pesquisa é compreender como as experiências e dilemas vivenciados por elas, afetam na sua forma de se comportar diante do que é estigmatizado em relação à prática desse esporte, o futebol.

O trabalho está dividido em 3 momentos, que contemplará: as teorias (discussão bibliográfica), abordando conceitos e estudos sobre futebol feminino, estereótipos, gênero e sexualidade. O segundo momento tratará de questões sobre a ida ao campo. E o terceiro e último momento, trará uma discussão dos resultados obtidos, onde serão levantadas questões sobre família, religião, práticas corporais e outros aspectos levantados pelas jogadoras.

### **Capítulo 1- O que as teorias dizem?**

Em todas as sociedades/culturas é percebido criam-se expectativas em cima de uma criança. Ao nascer, já há demarcações do que pode e do que não pode para uma menina ou para um menino. Antes mesmo de nascer, o seu quarto é pintado de rosa ou de azul, respectivamente, enfatizando que ali chegará uma criança seja do sexo feminino ou masculino. Para os meninos as brincadeiras mais comuns são: futebol, brincar de pipa, de bolinha de gude ou brincadeiras que mostre a virilidade dos garotos e acima de tudo demonstrando a sua força sobre o sexo oposto. Já para as meninas, as brincadeiras devem ser menos laboriosas possíveis, no sentido de que, não desmanchar o cabelo e sempre ser delicadas. Além disso, as brincadeiras sempre correspondem aos papéis futuros, de ser mãe e esposa. Porém, esses papéis são criados em cada sociedade/cultura, não há uma universalidade de papéis. Sintetizando a ideia da teoria dos papéis, pode-se dizer que numa perspectiva sociológica, a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente. (BERGER, 1986)



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sobre esse conceito de identidade de gênero Stoller (apud Grossi) traz sua contribuição:

Todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. (...) este núcleo de nossa identidade de gênero se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê como menina ou menino. (...) A partir deste assinalamento de sexo, socialmente se esperarão da criança comportamentos condizentes a ele. (1978)

Existe de longa data uma atenção à relação entre a cultura e a conduta de homens e mulheres, no campo da Antropologia. Como uma das precursoras nos estudos que podemos “apoiar” os estudos sobre gênero, é Margaret Mead<sup>2</sup> apresenta em seu trabalho *Sexo & Temperamento em três sociedades primitivas* (1935), que os papéis masculinos e femininos se refletem no condicionamento cultural das diferentes sociedades, ou seja, esses papéis não se baseiam a partir das diferenças sexuais. Segundo ela, toda cultura determina, de algum modo, os papéis dos homens e das mulheres. Sobretudo, Mead aponta no seu trabalho para “o caráter de construção cultural da diferença sexual”.

Em todas as sociedades do planeta, o gênero está sendo todo o tempo, ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Por isso, diz-se que gênero é mutável. (GROSSI, 1998)

Na nossa sociedade ocidental moderna, algumas práticas esportivas servem de alvo para categorizar homens e mulheres. O exemplo mais usado é quando associa o futebol para homens e vôlei para as mulheres, ambos são estigmatizados, respectivamente, como masculino e feminino, mas quando isso sai do modelo ideal que está impregnado na nossa cultura, levanta-se aí uma série de questões, como por exemplo, a questão do gênero no esporte.

---

<sup>2</sup> A maior parte das teorias de Mead, por exemplo, hoje é considerada insustentável, por uma série de motivos.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No caso do futebol, no contexto histórico brasileiro, as mulheres nem sempre foram bem vistas para a prática desse esporte (isso se dá até hoje). Na época da introdução do futebol no país a participação das mulheres se dava enquanto platéia, somente em momento posterior elas vieram a assumir o papel também de jogadoras.

Segundo Frazini na década de 20, já se era noticiado mulheres jogando futebol, isso se dava no caráter de espetáculo. Na verdade, não há uma data específica de quando as mulheres começaram a jogar. Isso aumentou progressivamente, mas na época do governo de Vargas, as mulheres foram impedidas de jogar futebol e alguns esportes que não eram compatíveis com a natureza da mulher, logo, foram proibidos. Argumentava-se que, poderia prejudicar a fisiologia da mulher quando esta fosse ser mãe.

Pisani enfatiza que para as mulheres era atrelado o valor da sensibilidade, afetividade e da maternidade. Elas não deveriam ser competitivas, tão logo, elas não poderiam ocupar lugar dentro de alguns esportes. Principalmente os esportes competitivos e aquele que exigisse mais força, pois isso não seria característica do ser Mulher. Mas, posteriormente essa proibição veio a ser revogada em partes em 1979. A não proibição traria consigo uma condição, de que o futebol feminino não estaria ligado a Federação. Mas, depois a Federação abre um espaço para o futebol feminino, embora não seja dada a mesma visibilidade do esporte quando praticado por homens.

As mulheres para serem aceitas em algumas Federações, tiveram que “provar” a sua feminilidade, trazendo alguns signos, como cabelo grande, unhas feitas e as roupas serem mais justas. Isso nos leva a categorizar como uma norma de gênero. O termo gênero remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas para desmontar as diferenças que se atribuem a homens e mulheres. O conceito de gênero requer pensar (...) como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças (...) (PISCITELLI, 2009).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Há um realce bastante relevante para a participação das mulheres no futebol, mesmo o esporte no país sendo atribuído como identidade nacional, a participação feminina não é tratado na mesma dimensão, seja na profissionalização feminina ou simplesmente quando esta vem a ser uma simples torcedora. Parece que quando a mulher passa a entender de igual ou mais que o homem sobre o futebol ela já está saindo das convenções “normais” do seu papel. Franzini (apud Meineiz) (2005) argumenta:

Enfatiza-se a incompatibilidade do esporte com as convenções de feminilidade, as acusações de masculinização e de homossexualidade às quais as jogadoras são regularmente expostas, bem como as iniciativas mercadológicas de conjugação do futebol com a feminilidade.

As reflexões de Scott (1995) sobre a questão das diferenças em relação ao gênero diz respeito às relações de poder entre homens e mulheres e entre diferentes formas de ser homem e de ser mulher. Além disso, ele informa que o “gênero é uma categoria historicamente determinada”, não só no que diz respeito à diferença de sexos, mas, atribuindo sentido para esta diferença.

As mulheres futebolísticas quando são colocadas em questões sobre gênero, associa-se a masculinidade que estas desempenham ao praticarem o futebol. Há entre as mulheres que joga futebol um amplo reconhecimento de que o esporte propicia uma masculinização, entretanto, a confirmação dessa tendência depende da obstinação da jogadora em não perder a feminilidade. (Meinerz, 2011).

Nota-se que há uma ideia estigmatizante em relação a essas jogadoras, principalmente sobre a sexualidade, o comportamento e a aparência das jogadoras. O estigma decorre do preconceito e das expectativas sociais. No futebol feminino, essa ideia é bastante vinculada. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/deprecia-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (GOFFMAN, 1988).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Partimos de concepções muito fechadas que tem como elementos fundamentais a nossa própria cultura, os nossos próprios valores sociais e que está muito ligado a padrão específico do que é um homem e uma mulher, do corpo e comportamento do homem e da mulher. Nesse sentido, os esportes são espaços onde os valores da cultura são reproduzidos, e que historicamente vem se reproduzindo, ajudando na formação da consciência do indivíduo, sobretudo a respeito das convenções culturais.

### **No campo**

A primeira etapa teve como finalidade, de nos dá um direcionamento, de como o campo está sendo visualizado pelas políticas públicas em relação à participação feminina nos esportes, especificamente no futebol, atentando para esta modalidade esportiva. O trabalho foi feito juntamente com outra bolsista, onde essa ajudou a localizar treinos de times, levada por interlocutores do curso de Educação Física da própria Universidade e conseqüentemente conseguimos chegar até as “personagens principais”, as jogadoras de futebol. E como resultado dessa primeira etapa, há respostas sobre o que foi proposto no projeto, “estas entrevistas têm por finalidade explorar a atenção estatal concedida à participação feminina nos esportes (através de ações e políticas públicas), e procurar identificar equipes de futebol feminino (...) visando o recrutamento das jogadoras para serem entrevistadas”. E diante dos discursos dos gestores, há uma resposta, porém não tão positiva. É ressaltado que, há preocupações em apresentar ações diretas para o público feminino no esporte (especificamente o futebol), eles associam também, para esse público o vôlei e o handebol, mas, que isso não é prioridade das secretarias, “mas, que faz parte” segundo o Secretário de “Esporte e Juventudes” no Município de Juazeiro do Norte. De todo modo isso vem acontecer quando a secretaria é procurada por treinadores, organizadores de campeonato ou qualquer outro que organize eventos para tal público. Nesse caso, os gestores declaram que disponibilizam todo o material necessário, tanto para as participantes (jogadoras), como também, a premiação e a arbitragem. Bom, feito essa primeira etapa, foi fornecido alguns possíveis locais, para que pudéssemos encontrar nossas principais “personagens”, as



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

jogadoras de futebol. Dentre eles, foi mencionado, na cidade de Crato, o Mirandão, o campo das batateiras, a quadra da praça Alexandre Arraes, mais conhecida como praça bicentenária. Na cidade de Juazeiro do Norte, o Romeirão, o Poliesportivo, quadra Sesc, e as escolas. Já em Barbalha, foi o Estádio, as escolas e os campinhos de bairro.

A maior parte da pesquisa se deu na Praça Alexandre Arraes, mais conhecida como Praça Bicentenária em Crato -Ce. Através da Bolsista Livia, que estava na equipe da pesquisa, ela que teve os contatos iniciais, abrindo caminhos para que eu também pudesse adentrar nesse campo. Essa praça tem na sua estrutura física uma quadra poliesportiva, um espaço destinado para várias práticas esportivas, como por exemplo, o futsal, vôlei e o handebol. Todas as terças-feiras das 19:30hrs às 21:00hrs mulheres que jogam ou já jogaram e algum time profissional se reúnem para treinarem no ginásio. Quanto às atividades esportivas, são estabelecidos horários para treinos masculinos e femininos. Para as mulheres é estabelecido as terças-feiras das 20:00hrs às 21:00 hrs.

Foram entrevistadas 9 jogadoras, com faixa etária entre 18 a 39 anos. Quase todas as entrevistas foram feitas enquanto estava rolando os treinos na quadra da praça bicentenária, no intervalo da partida, ou enquanto descansavam no banco dos reserva, (que fica dentro da quadra ou mesmo nas arquibancadas, que fica em torno da quadra), exceto uma entrevista que foi possível fazer em um local menos conturbado. O acesso a elas foi fácil. As entrevistas foram encaminhadas com perguntas sobre a família, inserção no esporte, orientação sexual, **estereótipo**, religião, **o papel social que exerce na sociedade** e classe social. A maior parte das entrevistas foi gravada em áudio. Mas antes disso, houve algumas conversas informais. Essa etapa foi importante para o projeto, já que o próprio visa saber as convenções sobre gênero, sexualidade e esporte, a partir das experiências e trajetórias dessas jogadoras podemos colher informações bastante relevantes para a confecção deste trabalho.

Por volta das 19:15hrs, elas começam a chegar, as vezes chegando individualmente ou em dupla, trio ou até mesmo em grupo. Enquanto o horário estabelecido para elas não chega.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Algumas delas se preparam fazendo aquecimento com a bola, dando chutes, “tiros de meta” ou “batendo bola” entre grupos menores. Outras se alongam, enquanto outras conversam entre si demonstrando afinidades e outras conversando no celular ou simplesmente mexendo no celular, (provavelmente checando as redes sociais). Nesse curto período elas se dividem, umas ficam sentadas nas arquibancadas internas outras na parte externa. Por vezes me aproximo de algumas delas e percebo de qual assunto elas tratam nas conversas paralelas, por vezes, falam de algo pessoal, brincadeiras, sobre assuntos relacionados ao trabalho, à faculdade, a festa, enfim, há uma infinidade de assuntos. E que muito raramente o assunto a se tratar nas conversas seja sobre bolas ou lances.

Quase sempre quem traz a bola é uma das jogadoras, por vezes ela é considerada como uma das jogadoras mais velhas, Sabrina, ela sempre está sorrindo para todas e brincando com todas, ela é a dona da bola, mas enquanto ela não chega às outras ficam conversando e brincando umas com as outras. Tem semana que ela não aparece (Sabrina) até o horário estabelecido, mesmo assim as conversas continuam e elas acham qualquer coisa para se distraírem. Mas quando tem bola para jogar, elas rapidamente se articulam para montar o time, cada time só pode possuir 4 jogadoras, mais 1 goleira, totalizando 5 pessoas em um time, sendo assim, só 10 mulheres podem jogar, e se tem mais de 10, as que não foram chamadas para jogar naquela partida ficam no banco reserva, como é treino, espera que um dos times faça 2 gols ou elas contabilizam 8 minutos para fazer pelo menos 1 gol, um dos times, caso não faça ou dê empate elas tiram a sorte para decidir qual time vai ficar de fora para as outras jogadoras que estão aguardando no banco reserva entrarem, e assim acontece durante essa 1 hora de treino, geralmente tem mais de 15 mulheres, mas há semanas que não chega o mínimo do número de jogadoras. Mas, raramente isso acontece por conta do treino ser uma vez na semana, sempre há muitas mulheres.

Praticamente em todos os treinos não há um número muito grande de pessoas assistindo aos treinos, as arquibancadas estão praticamente vazias, algumas meninas assim



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como eu assistem ao treino, dentro da quadra, sentadas no banco de reservas, mas não estão usando uniformes ou roupas leves, ou seja, não estão ali para jogar.

Nas primeiras interações e conversas, tomei a iniciativa de ir conversar com algumas delas superficialmente, curiosamente algumas delas deram a entender que aquele espaço era, ou preferivelmente era, frequentado por mulheres “lésbicas” ou “mulheres que curtem mulheres”, ou “entendidas”, é tanto que fui indagada se fazia meu estilo, já que eu não estava ali pra jogar e sim querer interagir com essas mulheres. Até esse momento eu não fui percebida como uma pesquisadora, ou alguém curiosa em saber sobre esse “universo”, me viam como alguém que estava ali à procura de algo ou de alguém, mas não sabia o que ou a quem. Estranhavam minha presença. Talvez essa indagação, serviu para responder a curiosidade que algumas delas tinham a respeito da minha presença.

Nesse caso, torna-se mais interessante conduzir uma conversa, uma entrevista com aquelas mulheres que tem um posicionamento que não é comum, na qual a sociedade dita como certa ou errada, e isso é muito recorrente com mulheres jogadoras de futebol. Do ponto de vista da comunidade local, elas desafiam certas convenções, construindo para si uma posição relativamente marginal, de modo que, nos leva a pensar estão infringindo alguma regra que a sociedade impõe.

### **Refletindo sobre a jogadora de futebol**

De modo geral o projeto propunha discutir sobre as normas e convenções que interferem nas relações de gênero e sexualidade. Refletindo também sobre os estereótipos criados em torno das mulheres que praticam o futebol.

Analisando os depoimentos fornecidos por elas vemos algumas questões pertinentes, em relação á família, sexualidade, preconceito e a práticas corporais. Embora todas elas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apresentem especificidade na sua trajetória e experiências de vida em relação ao movimento com futebol.

A inserção no campo, ou seja, a prática do esporte, é ressaltado pelas entrevistadas que se deu quando ainda era criança, a maioria teve sua infância em sítios ou cidades pequenas, onde todos se conheciam e não tinha muito o que fazer, e como forma de divertimento elas se aliaram aos irmãos, primos, vizinhos e parentes no geral, para brincar, e uma dessas brincadeiras se dava através do futebol, com jogos mistos, isto é, entre meninos e meninas. Na fala de Roberta<sup>3</sup> podemos ver como isso se deu.

Meu começo foi com meus irmãos, que eles jogavam bola também, né? Joga num time, aí sempre de pequenininha já jogava com meus irmãos mesmo, lá em casa mesmo, desde novinha...

Em outras falas como a de Júlia, ela destaca a sua inserção no esporte por falta de opções no bairro que morava, veja a fala de Júlia:

(...) meio complicado foi assim: tava lá em casa, que eu moro no Mirandão, né? Ai não tinha muita menina pra mim brincar não, no Mirandão, ai eu tinha muito amigo homem, ai eu chegava da escola, não tinha nada pra fazer, né? Ai um menino chama: “bora jogar bola mais nós?” Ai eu disse: não gosto disso não, isso é coisa de homem, ai ele disse: não homem, dá certo, dá certo. Ai eu disse: pois tá bom, vamos! Oushe comecei ai (risos).

Percebe-se que a entrada campo esportivo está atrelada ao espaço em que a jogadoras vive e as oportunidades que o lugar oferece, assim logo elas se identificam com a prática do futebol.

Mauss vai classificar as técnicas do corpo, segundo ele, elas se dividem e variam por sexo, por idade e em relação ao rendimento. Em relação ao sexo Mauss nota que há uma diferença visível entre homens e mulheres, não só fisiologicamente, mas sim socialmente

---

<sup>3</sup> Considerando que a participação na pesquisa terá caráter sigiloso, assim as informações recebidas serão para uso somente de análises e discussões do grupo da pesquisa. Dessa forma, os nomes que serão citados ao longo do trabalho serão fictícios.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

falando, no exemplo que ele usa de cerra os punhos para dar um soco ele define bem, é diferente a maneira como o homem ou a mulher faz, daí ele propõe que existe uma sociedade de homens e mulheres mesmo que ambos estejam inseridos num mesmo espaço geográfico, mas que ao mesmo tempo formando duas sociedades distintas, só pelas técnicas corporais.

No futebol, o corpo da mulher é encarado como um corpo feminino em uma prática masculina, assim como na dança e na ginástica existe essa “comparação” em relação à participação masculina. Os homens são discriminados nesses campos, tais quais as mulheres que referem as formas esportivas de lutas e jogos competitivos.

De acordo com Mauss (1974), a interpretação de uma prática corporal é diferente se compararmos diferentes indivíduos ou grupos de acordo com a sua cultura e formação. Se a mesma pergunta fosse feita a praticantes de Voleibol, por exemplo, as interpretações poderiam ser diferentes. O grupo aqui investigado, jogadoras de futsal feminino, está inserido em um contexto de subversão de fronteiras de gênero.

Exemplos como este mostram que o estigma atribuído às jogadoras pela sociedade, infiltra-se no ambiente familiar muito mais pela sensação de vergonha dos pais pelo que os outros vão pensar de sua filha, do que pela prática do futebol/futsal em si. Enquanto a sociedade estiver pautada na masculinização do corpo da mulher que “joga bola”, a família terá dificuldade para abandonar o medo dos “perigos” presentes nesses esportes, como por exemplo, a homossexualidade.

Teve uma vez que quase não reconheci Camila, ela que sempre me chamou atenção por jogar de cabelo solto, porém o seu cabelo era liso. Uma vez ela surpreendeu a mim e a algumas outras jogadoras com o seu novo estilo de cabelo, agora com as madeixas longas, ela ficava sempre preocupada em manter o cabelo amarrado. A maioria das jogadoras, elas mantinham o cabelo amarrado, o penteado mais comum era o chamado rabo de cavalo, outras por terem cabelo curto amarravam no mesmo modelo rabo de cavalo só que mais baixo, e raras vezes aparecia alguma menina que jogasse com cabelo solto, mas tinha uma jogadora que aparecia por vez que ela jogava com o cabelo solto e molhado.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo Adelman, o perfil da mulher no esporte. Deve se apresentar antes de tudo como mulher, para que seja reconhecida quando não, a homossexualidade chega a ser o ponto chave deixando oculto a sua capacidade de exercer o esporte tão bem.

### **Considerações Finais**

O incentivo da família é importante no desenvolvimento de qualquer prática esportiva e quando se trata de uma modalidade em que as praticantes são vistas de maneira diferente pela sociedade, seu papel se torna de apoio ou barreira visto que é difícil permanecer praticando o futsal se existe o pensamento preconceituoso dentro da própria casa. Existem casos, como alguns relatados na pesquisa, em que a prática é feita escondida da família, os pais não sabem ou não se expressam.

Disputa e poder dentro de uma sociedade, o esporte reproduz essa concepção. Primeiro o futebol é um esporte é pensado e tratado para homens, historicamente vem sendo caracterizado assim. Por isso, essa prática tem sido um dos temas de grande interesse de estudo, principalmente na área de gênero.

### **REFERENCIA BIBLIOGRAFICA**

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. Revista Estudos Feministas, v.12, p.445-65, 2003.

BERGER, Piter. A perspectiva sociológica – a sociedade no homem. In: \_\_. **Perspectiva Sociológica: uma visão humanista**. Petrópolis: Vozes, 1986. P. 106-136.

EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. "Fieldnotes in ethnographic research" in *Writing ethnographic fieldnotes*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. [tradução para uso didático por Leandro de Oliveira].

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo” in **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2003.

MEAD, M. (1979, or.1935): *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em primeira mão. Florianópolis, P. 1-18, 1998. [disponível em [http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf)]

PISANI, **Mariane da Silva**. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 25 Julho 2014, consultado 04 Outubro de 2014. URL : <http://pontourbe.revues.org/1621> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1621

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, p.54-73, 1995.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. P. 36-46.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**